

O MOODLE e o Apoio Pedagógico Acrescido a Inglês

Emília Silva ¹, Sónia Rolland Sobral ²

1) Agrupamento Vertical de Escolas Penafiel Sul, Penafiel, Portugal

emilia.silva.upt@gmail.com

2) Universidade Portucalense, Porto, Portugal

sonia@upt.pt

Resumo

Hoje em dia, o protagonismo assumido pela Língua Inglesa no contexto internacional aliado ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação apontam para a necessidade de aquisição de competências nestas duas áreas, como requisito para a inserção na Sociedade de Informação em que vivemos.

Neste artigo, pretende-se reflectir até que ponto o recurso, em modalidade de b-learning, à plataforma MOODLE pode constituir uma mais-valia no Apoio Pedagógico Acrescido à disciplina de inglês, contribuindo para a proficiência comunicativa e sucesso dos alunos, assim como para o aumento da sua autonomia.

Neste sentido, o espaço criado – Sala de Estudo Online (Inglês) – pretendeu constituir um local virtual, de frequência não obrigatória, mas de livre acesso a todos os alunos de 9º ano de uma escola assumindo desde logo os objectivos de ajudar a superar lacunas, esclarecer dúvidas, proporcionar a prática e motivar para a aprendizagem da língua e para a disciplina de Inglês.

Esta investigação permitiu confirmar as hipóteses colocadas, nomeadamente o valor acrescentado do MOODLE para proporcionar Apoio Pedagógico Acrescido, assim como a sua relação com o aumento do sucesso e autonomia dos alunos.

Palavras chave: língua inglesa, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), MOODLE, Apoio Pedagógico Acrescido (APA), b-learning

1. Introdução e contextualização

Na história da humanidade tem-se verificado que várias línguas vão assumindo o protagonismo a nível internacional, por razões económicas, religiosas, culturais e políticas. Hoje em dia, esse

papel é assumido pela língua inglesa, utilizada em congressos e projectos internacionais, no campo académico e económico e no mundo tecnológico.

De facto, a língua inglesa revela-se uma ferramenta de comunicação e de trabalho na sociedade global e na sociedade tecnológica. O seu domínio possibilita o acesso a empregos, a prossecução de estudos, aumentando o leque de oportunidades em diversas áreas. Esta relação, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e Língua Inglesa, parece lógica, até porque, de acordo com as estatísticas fornecidas pela Internet World Stats (Internet World Stats, 2009) esta é a língua mais utilizada pelos cibernautas.

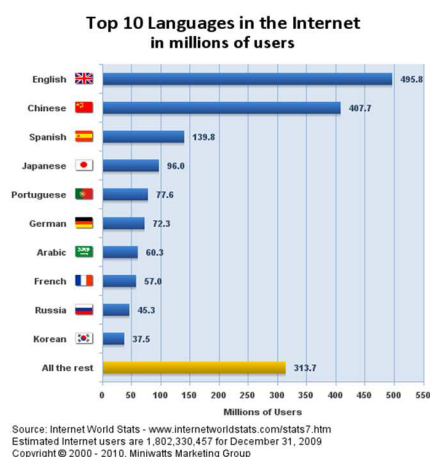


Figura 1 - Línguas mais utilizadas na Internet

Por conseguinte, parece evidente que importa ao cidadão da Sociedade de Informação dominar competências na área da língua inglesa e nas TIC que lhe possibilitem uma aprendizagem autónoma ao longo da vida.

Não obstante, nomeadamente ao nível do 3º ciclo do ensino básico, os alunos revelam dificuldades na aprendizagem do inglês e o sucesso a esta disciplina é muitas vezes comprometido. Uma das soluções habituais, previstas na legislação educativa (Despacho n.º 178-A/ME/93, 1993) é propor estes alunos para aulas de Apoio Pedagógico Acrescido (APA) presencial, sendo necessário gerir recursos humanos e físicos para o efeito. Tal situação não é tarefa fácil, chegando mesmo a ser impeditiva da leccionação dessas aulas a todos os alunos propostos. Será o recurso à aprendizagem online o caminho a seguir?

Para responder a esta questão, será importante reconhecer que actualmente a maioria dos nossos alunos possui computador e ligação à internet e que, de acordo com o INE (INE: Instituto Nacional de Estatística, IP, 2009), o recurso a estes é já prática comum para variados fins. Seguindo esta tendência, a utilização das TIC na educação tem vindo a tornar-se mais frequente, também por força da implementação de programas governamentais que visam apetrechar as escolas com equipamento informático e fornecer aos alunos e professores formação nesta área,

como é o caso de iniciativas como Escolas, Professores e Computadores Portáteis e o e-escola. Ao mesmo tempo, com o recente Plano Tecnológico da Educação, mais especificamente o seu objectivo de criação de um “Portal da Escola” (GEPE, 2007), abre-se caminho à exploração e inovação, no que diz respeito, nomeadamente, à utilização de ferramentas digitais e de software educativo e dá-se prioridade à prossecução dos seguintes objectivos (Plano Tecnológico da Educação, 2009): 1. “Aumentar a produção, distribuição e utilização de conteúdos pedagógicos em suporte informático (por ex. exercícios, manuais escolares, sebenta electrónica, etc.) 2. Encorajar o desenvolvimento do portefólio digital de aluno 3. Complementar os métodos de ensino convencionais e fomentar práticas de ensino interactivas e de aprendizagem contínua” (GEPE, 2007). Um dos reflexos destas directrizes é a proliferação do uso da plataforma open source LMS MOODLE.

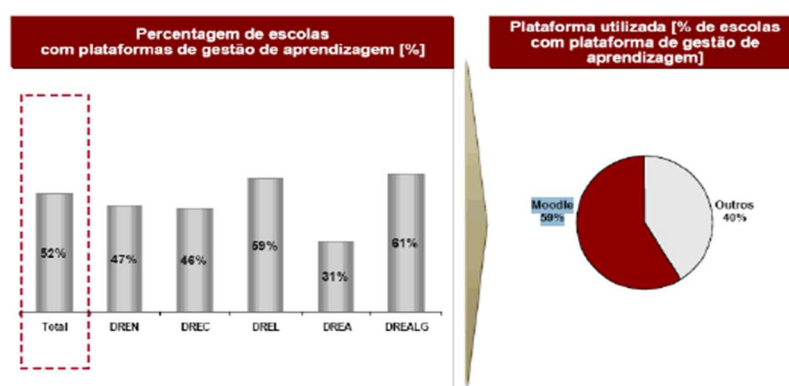


Figura 2- Percentagens de escolas com plataformas de gestão de aprendizagem (GEPE, 2007)

Porque não utilizar esta ferramenta como forma de possibilitar o acesso, por parte de todos os alunos da escola, a um APA na disciplina de Inglês que seja abrangente e, porventura, mais eficaz?

Nos Despachos n.º 178-A/ME/93, n.º 17860-2007 (ponto 2 do art.º3) e n.º 19117-2008 (art.º12), emanados pelo Ministério da Educação e relativos ao Apoio Educativo, está patente a preocupação em fomentar o aumento do sucesso escolar dos alunos. As escolas possuem autonomia para gerir o APA, tarefa dificultada pela necessidade de tornar compatíveis recursos humanos e físicos, uma vez que afecta horários de professores e alunos, obrigando-os a deslocarem-se à escola propositadamente, ou a permanecerem mais tempo no espaço escolar. Normalmente, na disciplina de Inglês, o APA traduz-se numa aula extra de 45m semanais com os alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. Esta “aula” pode ser individual (no caso dos alunos com Necessidades Educativas Especiais) ou de grupo. Funciona como uma continuidade das estratégias usadas em sala de aula, como por exemplo, resolução de exercícios gramaticais e interpretação de textos, sob a forma de papel.

Torna-se óbvio que a escola e o ensino têm que seguir novos rumos, recorrendo a novas estratégias direccionadas para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e afectivas que permitam aos alunos participar no processo colectivo de produção, processamento e aplicação da informação que caracteriza a sociedade do conhecimento (Silva, 2008). Nesta perspectiva, a escola não é o local privilegiado da aprendizagem. Não é um mundo fechado no qual os alunos adquirem conhecimento para aplicarem no mundo “lá fora”, mas sim uma parte de um sistema de ensino/aprendizagem mais abrangente. Não é a aula, mas a própria vida que constitui a principal aprendizagem. As escolas, as salas de aula têm de estar ao serviço do ensino/aprendizagem que se desenrola no mundo (Wenger, 2006). O mesmo se poderá afirmar em relação ao APA.

Esta abertura ao mundo é facilitada, e ao mesmo tempo, impulsionada pelas tecnologias. Recorrendo a elas, deitamos mão a ferramentas que nos permitem evoluir e ir ao encontro das necessidades do aprendente. “Enfim, o computador pode ser utilizado nas mais diversas disciplinas como um pequeno laboratório de experiências, permitindo um estilo educativo totalmente novo em que a aprendizagem é feita essencialmente à custa do processo de formulação, testagem e reformulação de hipóteses e de superação dos nossos erros” (Ponte, 1992). Não é este, afinal, o espírito do APA?

No caso do ensino de uma língua estrangeira, pretende-se dotar os alunos de competência comunicativa, definida da seguinte forma pela Comissão das Comunidades Europeias: “A comunicação em línguas estrangeiras partilha largamente as principais dimensões de competências da comunicação na língua mãe: é baseada na capacidade de compreender, expressar e interpretar pensamentos, sentimentos e factos, tanto na forma oral como escrita (audição, oralidade, leitura e escrita) num leque adequado de contextos sociais – trabalho, casa, lazer, educação e formação – de acordo com as necessidades ou desejos de cada um. A comunicação em línguas estrangeiras também requer competências como mediação e compreensão intercultural. O nível de proficiência de um indivíduo variará tendo em conta estas quatro dimensões, diferentes línguas e o respectivo background ou meio em que se insere e os seus interesses e necessidades.” (Commission of the European Communities, 2005). Recorrendo a esta imagem do campo do ensino de línguas, que pressupõe a existência de quatro competências comunicativas: *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*, não podemos, hoje em dia, descurar as “*Four other skills*” (as outras quatro competências), que incluem “design”, “navegação”, “investigação” e “colaboração” (Buzato, 2003).

2. Apoio Pedagógico Acrescido e b-learning

É lógico que o APA está intrinsecamente relacionado com o propósito de aumentar o sucesso escolar, mas será o recurso à plataforma MOODLE, em regime de b-learning uma solução viável e eficaz na prossecução deste objectivo?

O b-learning é definido pela APSDI (APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação, 2007) como sendo uma “modalidade de aprendizagem que combina os elementos da aprendizagem presencial com os recursos e métodos disponibilizados pela aprendizagem electrónica, potenciando assim o binómio ensino-aprendizagem.” Por possuir esta característica “híbrida”, possibilita complementar as aulas presenciais com conteúdos disponíveis online, servindo um leque mais abrangente e diversificado de propósitos educacionais e estilos de aprendizagem. O b-learning surge na esteira do e-learning através do qual “não nos limitamos a introduzir nova tecnologia – introduzimos uma nova forma de pensar sobre a aprendizagem” (Rosenberg, 2001). O mesmo autor refere as vantagens do e-learning, entre as quais se encontram a redução de custos, a possibilidade contínua de acesso (a qualquer hora e em qualquer lugar) e a promoção da construção de comunidades (neste caso de aprendizagem). De facto, a filosofia subjacente à utilização das TIC na Educação assenta essencialmente na pedagogia do construtivismo social e num estilo de aprendizagem interactivo, centrado no aluno. Esta abordagem implica uma mudança nos papéis do professor e do aluno, assim como nos conteúdos. O professor, considerado no paradigma tradicional do ensino-aprendizagem como centro do saber e transmissor de conhecimento, passa a facilitador da aprendizagem, cujas funções incluem, entre outras, motivar e despertar curiosidades, estimular o rigor intelectual e desenvolver a autonomia. Torna-se importante ensinar a pesquisar, seleccionar, relacionar, analisar, sintetizar e aplicar informação. O aluno, por seu turno, deixa de ser um consumidor passivo de conhecimento, assumindo a responsabilidade activa pela sua construção. É-lhe exigido que aprenda a construir o seu próprio conhecimento, trabalhe cooperativamente, revelando pensamento crítico, iniciativa e diversidade de perspectivas. Também a avaliação assume um cunho diferente, pois deverá abranger tanto aspectos cognitivos, como sociais da aprendizagem o que só pode ser verificado através do desempenho (Lima & Capitão, 2003).

O e-learning permite também desenvolver e apelar aos vários tipos de inteligência enumerados por Gardner (Gardner, 1983), não se limitando às inteligências tradicionalmente valorizadas pela escola – a Linguística e a Lógico-matemática – mas incluindo também a musical, a espacial, a cinestésica, a interpessoal e a intrapessoal. Este desenvolvimento é potenciado pela existência de plataformas de ensino a distância cada vez mais flexíveis, possibilitando a

integração de diversos tipos de recursos, de uma forma rápida e fácil, ao mesmo tempo que se promove uma abordagem construtivista do conhecimento e o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem personalizados, centrados no aluno, interactivos e de fácil utilização. O papel marcadamente tecnológico vai cedendo lugar ao social – conjuga-se hardware com software, privilegiando o “*humanware*” (essencial numa área como a educação), de modo a ir ao encontro das necessidades dos usuários (neste caso: comunidade escolar).

3. Apresentação do estudo de caso: Sala de Estudo Online – Inglês

A MOODLE Sala de Estudo Online - Inglês destinou-se a ser utilizada por todos os alunos do 9º ano, nível 5 de Inglês, de uma escola, em regime de não obrigatoriedade, uma vez que constituiu um espaço de esclarecimento de dúvidas, partilha de recursos e reforço das competências que a disciplina de Inglês tem como objectivo desenvolver, tendo em vista a proficiência comunicativa em Língua Inglesa.

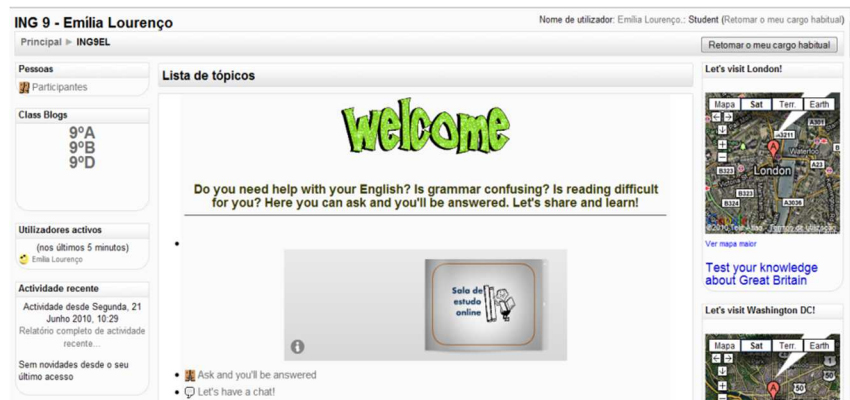


Figura 3- Cabeçalho da página MOODLE - Sala de Estudo Online

A imagem animada (brilhante) “Welcome” – Cabeçalho da página MOODLE – Sala de Estudo Online, dá as boas vindas aos visitantes e, desde logo, se apresenta, em forma de livro digital, as finalidades e objectivos desta sala de estudo. Do lado direito, os alunos encontram os mapas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América (GOOGLE) e são solicitados a avaliar os seus conhecimentos de cultura geral relativamente a estes países (EFL Club, 2010) e (ProProfs: knowledge sharing tools, 2010). Está dado o mote para se mergulhar num ambiente onde a Língua Inglesa assume o papel principal. Este espaço tem como base, obviamente, o programa desta disciplina e a planificação realizada pelas professoras de Inglês do 3º ciclo. Os conteúdos a abordar no segundo e terceiro períodos estruturam-se à volta de quatro temas principais: “*Keep fit*” “*Down to work*” “*Techie mania*” e “*Toxic attractions*”. Paralelamente, embora o grau de complexidade seja maior, os itens gramaticais são os mesmos dos anos anteriores, e

abrangem todos os indicados na referida planificação. Respeita-se, desta forma, a linha orientadora que leva à incrementação do conhecimento, indo ao encontro do Programa e Organização Curricular de Inglês elaborado pelo Ministério da Educação (DGIDC: Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2009), que se baseia na consolidação e alargamento progressivo das aprendizagens.

A estrutura da sala de estudo online obedece a esta planificação: cada tema principal corresponde a um tópico, que mantém o mesmo nome, de forma a ser facilmente identificado pelos alunos, sendo complementado por uma pequena imagem em movimento, que o contextualiza. Os tópicos só ficavam disponíveis para visualização quando o tema começava a ser abordado na aula, de forma a orientar o trabalho do aluno e evitar dispersão. No final do ano lectivo, como forma de disponibilizar toda a informação aos alunos que se propuseram a exames de equivalência à frequência, todos os tópicos estavam abertos para visualização e acesso às respectivas actividades. Por outro lado, esta situação permitiu ter uma visão geral do percurso percorrido pelos participantes na Sala de Estudo Online, ao mesmo tempo que facilitou a auto-avaliação. Esta estrutura foi usada por ser familiar aos alunos, assim como as subdivisões de *Vocabulary*, *Reading Comprehension*, *Writing* e *Have Fun*. As estratégias utilizadas foram diversificadas. Procurou-se ir ao encontro do Modelo de ARCS (Atenção, Relevância, Confiança e Satisfação) de John Keller. Os objectivos são claros e há exercícios de diferentes graus de dificuldade, sempre direccionados a ajudar a melhorar o desempenho dos alunos na aprendizagem (Smith & Ragan, 1999). Houve sempre a preocupação de dar feedback quer a resposta fosse adequada ou não e mostrar a disponibilidade da Professora para tirar dúvidas através do Fórum “*Ask and you’ll be answered*”, pelo chat “*Let’s chat*”, e por mensagens de correio electrónico, até porque as estratégias de satisfação direccionam-se para a gestão de aprendizagem dos alunos (Smith & Ragan, 1999).

É curioso verificar que, como aconteceu noutros estudos (Sobral, 2008), os alunos, de um modo geral, nunca usaram o chat ou o fórum para solicitar esclarecimentos. Preferiram o serviço de mensagens instantâneas ou o e-mail. Para além disso, devido ao facto de estarem com a Professora pessoalmente, colocavam as dúvidas directamente, quando a viam. O chat era utilizado para conversas entre eles, na maioria das vezes em português, misturado com inglês. A autonomia foi promovida na realização de tarefas (embora com algum *scaffolding*, algum apoio). As actividades eram diversificadas, sem descuidar a coerência entre objectivos, estratégias e avaliação. Entretanto, de forma a reforçar o trabalho colaborativo, foi sugerido que utilizassem a Sala de Estudo Online para partilharem materiais, pesquisas e produtos finais dos trabalhos de grupo realizados no 3º período. Todos os grupos o fizeram com mais ou menos

pesquisas, mas foi nesses momentos que utilizaram mais o chat, embora não necessariamente para falar em inglês.

Não devemos esquecer que a frequência da Sala de Estudo online não foi obrigatória, nem fez parte de qualquer parâmetro de avaliação da disciplina, pelo que a quantidade e intensidade com que os alunos o fizeram, foi de certa forma, surpreendente. De acordo com os registos do MOODLE, verifica-se que só 6 alunos não se inscreveram. Se fizermos uma listagem dos participantes mais activos, verificamos que entre os seis lugares de topo se encontram alunos provenientes de todas as turmas e de níveis de proficiência diferentes à disciplina de Inglês.

4. Metodologia

As hipóteses colocadas na origem desta investigação foram as seguintes:

H1 - Será que o Apoio Pedagógico Acrescido à disciplina de Inglês, baseado na plataforma MOODLE em regime de b-learning é eficaz e vantajoso?

H2 - Será que o Apoio Pedagógico Acrescido, baseado na plataforma MOODLE em regime de b-learning contribui para o aumento do sucesso dos alunos à disciplina de Inglês?

Investigar em Educação requer uma abordagem particular, que não ignore a complexidade dos fenómenos educativos condicionadores das respectivas bases de sustentação ontológica, orientações epistemológicas e opções metodológicas. A experiência do investigador é assumidamente tida em conta para a realização do trabalho (Afonso, 2005). Sabe-se, desde logo, que toda a investigação sobre o mundo *real* está condenada à partida, pois não se conseguem fornecer “provas” e é inegável que as percepções diferem (Fraenkel & Wallen, 2003).

Recentemente, na investigação em educação, a atenção tem incidido no problema das aprendizagens, tendo em conta a diversidade e a inovação. É na sequência desta tendência que se desenvolveu um estudo de caso, como forma de observar uma situação particular – o uso do MOODLE como sala de estudo online (APA) e o seu impacto na melhoria dos resultados dos alunos na disciplina de Inglês – procurando chegar a generalizações a partir de elementos particulares (Santos, 1987).

Adoptou-se uma metodologia tanto qualitativa, baseada na monitorização das interações criadas na Sala de Estudo Online, nas opiniões expressas presencialmente pelos alunos envolvidos junto da autora deste estudo, como quantitativa, recorrendo para o efeito a três inquéritos aplicados em fases distintas do estudo – um inicial, um intermédio e outro final – às estatísticas da plataforma MOODLE, a dados relativos ao APA à disciplina de Inglês presencial do ano lectivo anterior e aos níveis classificativos do biénio lectivo 2008-2010.

Os inquéritos aplicados continham, para além de questões fechadas, questões abertas que possibilitavam uma resposta menos condicionada e outras que adoptavam a escala de Likert.

O inquérito inicial foi aplicado em Fevereiro de 2010, altura em que os alunos foram informados de que iria funcionar uma sala de estudo online para Inglês, como APA a esta disciplina. Este inquérito foi importante na medida em que constituiu o sinal de partida para este estudo e permitiu delinear o perfil dos 93 alunos envolvidos. Colheu-se informação sobre a população discente no âmbito de três áreas diferentes: Dados pessoais; Relação com a disciplina e língua inglesa (Tu e a Língua Inglesa); Relação com as TIC (Tu e as TIC). O inquérito intermédio, aplicado em Abril de 2010, teve o intuito de recolher as primeiras impressões dos alunos relativamente à página de Moodle – Sala de Estudo Online. Algumas questões deram espaço para deixar comentários/sugestões. O inquérito final, aplicado no início de Junho, permitiu chegar a algumas conclusões importantes para este estudo, nomeadamente a de que a maioria da população alvo considera a Sala de Estudo Online uma alternativa válida ao APA presencial.

Como forma de complementar a informação obtida a partir dos inquéritos aplicados aos alunos, provou-se útil recorrer às estatísticas da plataforma Moodle da escola. Estas possibilitaram, entre outras informações, constatar o grau e o tipo de participação de cada aluno e as actividades preferidas. É curioso verificar que as actividades mais frequentadas foram os glossários, a pesquisa de trabalho de grupo e a entrega individual de respostas a questões colocadas na secção de *Writing*. Os glossários, ao aliarem a imagem ao conceito, revelaram-se do especial agrado dos alunos. Para além disso, é observável que as actividades referidas servem os objectivos pedagógicos do ensino de cariz comunicativo de uma língua estrangeira. Por outro lado, as estatísticas do Moodle traduzem uma atitude diferente da postura de um aluno numa sala de aula de APA presencial, já que evidenciam, desde logo, iniciativa por parte do mesmo, assim como o desenvolvimento da sua autonomia e a sua co-responsabilização no seu processo de aprendizagem.

De modo a recolher informação adicional foram obtidas, junto dos órgãos de gestão da escola, estatísticas que dizem respeito ao APA e às avaliações dos alunos à disciplina de inglês em diferentes momentos. Assim sendo, importa aqui referir que, no que concerne ao APA a Inglês, no ano lectivo anterior, logo à partida, de um universo de 107 alunos de 9º ano, apenas foram propostos 13 e só 7 usufruíram das mesmas. No presente ano lectivo (2009-2010) todos os alunos tiveram acesso a esse apoio, mas em regime de b-learning.

Quanto aos resultados dos alunos à disciplina de inglês, compararam-se os resultados dos alunos de 9º ano do ano lectivo anterior com os de 2009/2010. A taxa de sucesso aumentou 6,45%.

Relativamente à comparação dos resultados dos alunos abrangidos por este estudo durante este ano lectivo compararam-se os resultados do 1º período – altura em que ainda não existia a Sala de Estudo Online – e o 3º. Verificou-se uma melhoria de 12,86%. Achou-se oportuno comparar os resultados que os mesmos alunos obtiveram no 8º ano e agora no 9º. Constatou-se que se registou uma subida de 4,3 %, não obstante o grau de dificuldade dos conteúdos da disciplina crescer de um nível para o outro.

As informações resultantes desta análise comparativa revelaram-se decisivas para a confirmação das hipóteses deste estudo.

5. Conclusão

Esta experiência de utilização da Moodle, em modalidade e-learning, como forma de disponibilizar APA na disciplina de Inglês a um número maior de alunos, sem comprometer a qualidade desse apoio, adapta-se às exigências do novo paradigma da educação construtivista, sem prejuízo da integração de várias metodologias de ensino de uma 2ª Língua (L2). Antes pelo contrário, potencia-se o acto comunicativo e proporciona-se ao aluno, situações de aprendizagem significativas e o contacto com a L2 no seu contexto real, sem constrangimentos de tempo ou lugar e sem ocupar espaços na escola. O desenho modular da plataforma Moodle permite enriquecer o espaço de acordo com os objectivos de instrução e o perfil dos participantes. O apoio online, em oposição ao presencial, permite, através de plataformas como a Moodle, integrar várias ferramentas Web existentes e proporcionar a criação de um ambiente de aprendizagem direccionado às características da comunidade criada, onde se aprende fazendo e se apela ao aluno, através da imagem, do som, do movimento, da escrita, da leitura, etc. Este tem a liberdade de gerir a sua aprendizagem quando, onde e como lhe aprouver. Paralelamente, características como: fóruns de discussão configuráveis, possibilidade de edição directa de documentos em formato texto e HTML (HyperText Markup Language), criação de questionários, construção de glossários sistema de Chat com registo de histórico, sistema de Blogues, editor Wiki, sistema de distribuição de mensagens, sistema de gestão de tarefas dos utilizadores, ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona, etc., constituem ferramentas especialmente úteis quando se pretende criar um espaço personalizável q.b., integrador de recursos e estratégias variadas. Todas as funcionalidades da MOODLE podem ser utilizadas para comunicar. Neste caso em particular, a chave é comunicar em Inglês.

Simultaneamente, a Sala de Estudo Online promove a equidade no acesso ao APA, que será mais ou menos intenso, de acordo com as exigências dos alunos, inclusive com Necessidades Educativas Especiais, respeitando o ritmo de cada um.

Todavia, uma Sala de Estudo Online acarreta mais trabalho para o professor que dinamiza a comunidade: obriga a um acompanhamento atento e constante; à sua actualização contínua na área das TIC; à criação de conteúdos específicos; ao investimento de tempo, entre outros, ultrapassando, em grande escala, a carga horária do docente contemplada na legislação para o APA presencial.

Futuramente, no caso específico do APA à língua Inglesa, seria interessante desenvolver um estudo abrangendo o grupo de docentes de Inglês na dinamização conjunta de diversas Salas de Estudo Online para os três anos que fazem parte do 3º ciclo (7º, 8º e 9º). Seria interessante recolher dados sobre a articulação dessa acção conjunta e avaliar o grau de colaboração online posta em prática pelos próprios docentes. Por outro lado, seria pertinente avaliar também até que ponto os órgãos de gestão da escola consideram a possibilidade de instituir o APA online como prática corrente, incluindo-o nas propostas de estratégias dos Planos de Recuperação dos alunos com dificuldades.

Concluindo, poderemos afirmar que a opção pela implementação de uma Sala de Estudo Online, baseada na plataforma MOODLE, para proporcionar APA à disciplina de Inglês, revelou-se válida e positiva.

6. Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *A Investigação Naturalista em Educação: guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa p. 224. 972-41-4487-9.
- APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação. (2007). *Glossário da Sociedade de Informação*. Obtido em 24 de Junho de 2010, de <http://www.apdsi.pt/contents/files/2007/04/03/f9c53d901df222f03d0250ba488779a2.pdf>.
- Buzato, M. E. (2003). The four (other) skills. *II Simpósio em EAD - "E-agor@, professor? Para onde vamos? - Reflexão sobre a formação de docentes online"*. Grupo de Tecnologia Educacional e Educação a Distância (TEED) da PUC-SP.
- Commission of the European Communities. (2005). *Key Competences for Lifelong Learning – A European Reference Framework*. Bruxelas, Bélgica.
- Council of Europe. (s.d.). *Education and languages*. Obtido em 21 de Dezembro de 2010, de Council of Europe: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/historique_EN.asp
- Despacho nº. 178-A/ME/93. (30 de Julho de 1993).
- DGIDC: Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. (2009). *DGIDC*. Obtido em 01 de Jun de 2010, de Programa Inglês 3º Ciclo: Programa e organização curricular: http://www.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/170/programa_Ingles_3Ciclo.pdf
- EFL Club. (2010). *The A to Z of the U.K. Quiz*. Obtido em 01 de Jun de 2010, de EFL Club: <http://www.eflclub.com/1quizzes/azuk/azuk.htm>
- Fraenkel, J. R., & Wallen, N. E. (2003). *How to design and evaluate research in education* (5th ed.). Boston: McGraw-Hill.
- Gardner, H. (1983). *Frames of Mind: the theory of multiple intelligences*. New York: Basic books.

- GEPE. (23 de Julho de 2007). Obtido em 7 de Maio de 2010, de http://www.portugal.gov.pt/pt/Documentos/Governo/MEd/PTec_Educacao.pdf
- Germain, C. (1993). *Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: CLE International.
- GOOGLE. (s.d.). *GOOGLE MAPS*. Obtido em 01 de Jun de 2010, de GOOGLE: <http://maps.google.com/>
- INE: Instituto Nacional de Estatística, IP. (2009). *INE actualidades: 97% dos indivíduos com idade entre os 10 e os 15 anos utilizam computador, 93% acedem à Internet e 85% utilizam telemóvel....* INE.
- Internet World Stats. (31 de Dez de 2009). *INTERNET WORLD USERS BY LANGUAGE: Top 10 Languages*. Obtido em 01 de Jun de 2010, de Internet World Stats: <http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>
- Krashen, S. D. (1981). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Pergamon Press Inc.
- Lima, J. R., & Capitão, Z. (2003). *e-Learning e e-Conteúdos. Aplicação das teorias tradicionais e modernas de ensino e aprendizagem à organização e estruturação de e-cursos*. Lisboa: Centro Atlântico.
- MOODLE.org. (s.d.). *MOODLE*. Obtido em 30 de 06 de 2010, de <http://moodle.org/>
- Moran, J. M., & Masetto, M. e. (2000). *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. S.Paulo: Papirus Editora.
- Plano Tecnológico da Educação. (2009). *Portal das Escolas. Estudo de implementação*. Lisboa: GEPE.
- Ponte, J. (1992). *O computador - um instrumento da educação*. Lisboa: Texto Editora, LDA.
- Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. Obtido em 18 de Julho de 2009, de <http://www.marcprensky.com/writing/Pransky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>
- Projecto Educativo do Agrupamento Vertical de Escolas Penafiel Sul. (2007).
- ProProfs: knowledge sharing tools. (2010). *General quiz about USA*. Obtido em 01 de Jun de 2010, de ProProfs: <http://www.proprofs.com/quiz-school/story.php?title=general-quiz-about-usa>
- Rosenberg, M. J. (2001). *e-Learning strategies for delivering knowledge in the digital age*. New York: McGraw-Hill.
- Salmon, G. (2004). *e-Moderating - The key to teaching and learning online* (2nd ed.). Routledge Falmer.
- Salmon, G. (2002). *E-tivities: the key to active online learning*. London: Kogan Page Limited.
- Santos, B. d. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.
- Silva, A. (2008). Ensino da Era Digital. *Jornal a Página da Educação*, ano 17, nº174, p.20.
- Smith, P. L., & Ragan, J. T. (1999). *Instructional Design*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Sobral, S. R. (Março de 2008). B- Learning em disciplinas introdutórias de programação. Universidade do Minho.
- Warschauer, M., & Healey, D. (Abril de 1998). Computers and language learning: an overview. *Language Teaching*, pp. 57-71.
- Wenger, E. (Junho de 2006). *Communities of Practice*. Obtido em 30 de Junho de 2010, de Etienne Wenger Home Page: <http://www.ewenger.com/theory/>